

# REVISTA SUL-AMERICANA

BIBLIOGRAPHIA BRAZILEIRA ---- SCIENCIAS, LETRAS E ARTES

Publicada pelo Centro Bibliographico Vulgarizador

**Rio de Janeiro**—Assignatura annual para todo o Brazil . . . . 5\$000

Para os paizes estrangeiros: gratis ás associações e publicações congeneres. Assignatura por anno 12 francos (união postal). São nossos correspondentes na Europa: em Lisboa. Antonio Maria Pereira; em Paris, Guillard, Aillaud & C.; em Londres, Dulau & C.; na Italia, Fratelli Bocca; na Alemanha, G. Herder,

Toda a correspondencia deve ser dirigida ao gerente do Centro Bibliographico, rua Gonçalves Dias 41.

**SUMMARIO.** — I Limites de Sergipe. Questões com Alagoas e Bahia, por **Felisbelo Freire**. — II Poesias, por **João Ribeiro**. — III Chronica ás pressas. — IV Escolas sem livros. — V. Da educação, por **Herbert Spencer**. — VI **Bibliographia Brazileira**. — Catalogo alphabetico das publicações brasileiras.

## Limites de Sergipe. Questões com Alagoas e Bahia.

II

*Limits Meridionaes.* Hoje estes limites acham-se sancionados pela unanimidade de opiniões dos historiadores e geographos: *o thalweg* do rio Real.

Sempre foi este o limite entre Sergipe e Bahia, pelo sul, desde remotas épocas?

Ainda que não tenhamos podido obter o regimento dado á Christovão de Barros, quando conquistou Sergipe, em 1590, que deveria estabelecer a extensão de seu governo na nova capitania, vemos, contudo, que o capitão mór Cosme Barboza, em Maio de 1603, concede de sesmaria á Balthazar Luiz, Domingos Fernandes e Christovão Leal, duas leguas de terra ao norte da barra do Itupicurú.

E muitas outras sesmarias foram concedidas na zona comprehendida entre este e o rio Real.

Si este facto é real, por si só não prova que a jurisdição do governo de Sergipe se estendesse além do rio Real, pois na carta de sesmaria de Luiz Alves, dada pelo capitão mór de Sergipe Thomé da Rocha, em Maio de 1604, vemos as seguintes palavras, em seu regimento:

« As terras e aguas e ribeiras que estiverem dentro do termo e limite desta capitania de Sergipe, cidade de S. Christovão, que são vinte e cinco leguas, etc. »

Logo a extensão de Sergipe, de sul a norte, desde o começo do século 17º, era de vinte e cinco leguas, que deveriam ser contadas da margem meridional do rio S. Francisco até o rio Real, entre os quaes existe mais ou menos esta distância.

Supponemos que a demarcação deve ser da margem de S. Francisco, pois, nesse tempo doações foram feitas pelas autoridades de

Sergipe na Tabanga, Propriá e na fóz do rio.

Quer nos parecer, pois, que a concessão feita por Cosme Barboza, junto á barra do Itapicurú, foi illegal, por isso que a zona não pertencia ao seu governo.

Em todo caso tudo isto é muito hypothetico. Depois da expulsão dos hollandezes de Sergipe (1645), os limites se conservaram no rio Real, em vista de uma carta do conde Castel Melhor aos officiaes da camara, de Julho de 1651 :

« A passagem do rio Real concedo a essa camara (Sergipe), quanto ao uso e logro de sua renda, mas não quanto ao seu provimento porque este toca a este governo. »

Até 1651 o governo não estendêo sua jurisdição além do rio ; e os proprios hollandezes, cujo insucesso no Brazil teve como uma das mais importantes causas o esquecimento que votaram á colonização de Sergipe, desde a invasão de Segisimundo, em 1637, nunca levaram o seu domínio a estas fronteiras, onde a defensiva fortificou-se.

O desprezo que sempre votou Nassau á Sergipe, cujo territorio entregou á devastaçao de seus soldados ; não pesquisar Bagnuolo até os muros de S. Salvador, dando-lhe tempo para recuperar suas forças em S. Christovão e na Torre de Garcia d'Avila ; não colonizar Sergipe, fortificarse em seus optimos pontos defensivos, foram importantes causas de seus desastres e do declinio do poder hollandez no Brazil.

Da nova capitania que offerecia ao viajante o aspecto de um cemiterio, e de onde os exercitos conquistadores tiravam o gado para nutrir-se, os caudilhos fizeram pousada para a guerra de emboscada, contra a qual o exercito hollandez foi sempre impotente.

Fechando o parenthesis, vejamos a questão de limites.

A lucta que se levantou então em Sergipe contra a Bahia, cujas causas não nos compete aqui estudar, lucta que se estendeu de 1658 á 1696, quando Sergipe foi considerada uma comarca daquella capitania, os seus limites foram levados além do rio Real, ficando na sua jurisdição as vilas de Inhambupe, Itapicurú e Abbadia.

A provisão de 28 de Abril de 1828, que creou essas vilas, é bem clara e explicita a este respeito.

E o territorio de Sergipe, como comarca, se estendêo do rio S. Francisco a Itapoan.

Esta nossa affirmação é baseada em uma carta regia de 5 de Junho de 1725, dirigida ao vice Rei do Brazil Vasco Fernandes Cesar de Menezes, da qual extrahimos o seguinte trecho :

« Servindo de Governador desse estado D. João de Lancastre, foi preciso mandar dous ouvidores, um para essa cidade e outro para a de Sergipe d'El-Rei, ordenando aos governadores lhe declare a divisão de suas comarcas e jurisdições, e que em virtude da minha real ordem declarava as ditas divisões, dividindo a dita comarca de Sergipe e sua jurisdição até onde chamão Itapuão, para o norte até o rio de S. Francisco, etc. »

Entretanto, a requerimento dos povos de Inhambupe, Itapicurú e Abbadia, estas villas foram de novo incorporadas á Bahia.

Ficava, pois, Sergipe reduvida aos seus antigos limites, os mesmos que tinha como capitania, do periodo de 1658 a 1696.

Não obstante essa annexação, a Bahia ainda não ficou satisfeita e quiz reclamar para si o territorio da parochia da Abbadia, do lado septentrional do rio Real.

A assembléa provincial de Sergipe, por lei n.º 65, de 5 de Março de 1841, elevou á freguezia a capella do povoado do Espírito Santo, dividindo-se ao Sul pelo rio Real com a Abbadia.

Não obstante, as authoridades desta villa quizeram penetrar no territorio sergipano, pondo-se em lucta aberta com as authoridades da villa Constitucional da Estancia, a que pertencia a mesma freguezia.

E o presidente de então, Sebastião Gaspar de Almeida Boto, na fala com que abriu a 1<sup>a</sup>. sessão da 5<sup>a</sup>. Legislatura, a 11 de Janeiro de 1842, dizia :

« Permanece o desgostoso conflicto susgado na extremidade sul da província, entre as authoridades da villa da Abbadia e as da comarca da Estancia, que, até o Espírito Santo, margem esquerda do rio Real, estendem suas jurisdições. Em consequencia de que legislates a 6 de Março do anno passado, foi formalmente eretta em freguezia a povoação do Espírito Santo, e apenas foram criadas as respectivas authoridades, que terríveis ameaças lhes foram dirigidas ; no entanto dirigiu-se o meu antecessor ao presidente da Bahia, que ou-

vindo ao governador do arcebispado, respondeu que em quanto não houvesse parocho na nova freguezia, continuaria o da Abbadia a exercer as funcções eclesiasticas, a quem dos limites da província.

A' vista desta resposta, inferindo meu antecessor que duvida só havia do espiritual, ordenou ao Juiz de Direito da Estancia, que os Juizes de Paz de Santa Luzia estendessem sua jurisdição até a raia natural e politica da província, nomeando elles os respectivos inspectores de quarteirão, com cuja existencia apparecerem os insultos e ameaças.

Até o proprio professor de primeiras letras viu-se obrigado a retirar-se para escapar a algum desagrado.

Procurando meu antecessor evitar scenas pouco animadoras, que naturalmente resultariam da presença de força militar, entendeu-se de novo com o presidente da Bahia, que, contra toda espectativa, declarou não reconhecer a divisão pela parte civil, por não caber á Assembléa Provincial legislar sobre um assumpto que expressamente compete á Assembléa Geral. »

Eis qual foi o procedimento da Bahia !

De Sergipe retirou-se o territorio que se estende do rio Real a Itapuan, que pela lei lhe era pertencente, simplesmente para se satisfazer as reclamações dos potentados na politica. E de Sergipe não partiu nenhum protesto.

Não satisfeita a Bahia, ainda quiz reclamar para si o territorio da margem esquerda do rio Real.

As reclamações de Sergipe eram improfícias contra a illegalidade que as authoridades commettiam.

E a nulla importancia a ellas ligadas não indicavam senão o habito da Bahia em pesar nos destinos de Sergipe, em interferir em suas deliberações, o que ainda hoje sucede, com quebra da autonomia de sua representação na cámara geral, onde a deputação bahiana inspira ao ministerio até nominações de presidentes.

Tanto as reclamações se repetiram, que a questão ficou resolvida a favor de Sergipe pelo Decr. n. 323, de 23 de Setembro de 1843.

FELISBELLO FREIRE

## Vitæ amica silentia

(a minha irmã)

*Agora quantos annos depois d'isto  
Passaram ! e foi bem que elles passassem.  
Sobre este sonho em cujo seio existo  
Impunemente os séculos me passem.*

*Não mais acordarei ! nem que baixassem  
A terra os mortos que venero, e o Christo,  
Se do seu bento e pallido registo  
Fraçoso movesse e os olhos lhe chorassem.*

*Que venha o tempo e rapido devore  
Seja o riso que a boca me contraia  
Ou seja toda a lagrima que eu chore...*

*E cada seio em que esse pranto caia,  
A boca onde o sorriso meu demore,  
Delles a voz, uma só voz, não saia.*

1887.

## DUO

(a minha mãe)

*Mas ao redor de mim todos gritavam :  
— «Este é o ladrão, matem-o.» Calado  
As injúrias ouvi, do esto infamado  
Que sobre mim precipites lançavam.*

*Um dos servos chegando : «Mais que ousado  
Villão tu foste !» (e os outros acclamavam)  
«Ha crimes cuja nodosa apenas lavam  
Ondas de sangue a ferro extravasado.»*

*E na grossa mão feroz e fria  
Brande o cutelo : «Seja morto agora !»  
E a gente : «seja morto !» repetia.*

*«O coração lhe seja posto fôra,  
Já que ousara o villão olhar um dia  
A nobre dama, á altissima senhora.»*

II.

*Então, eu calmo em funda e immota frieza  
Eu disse o magro peito descobrindo :  
— Abre-me as carnes, servo, mas abrindo  
Vê bem se contas das da tua empreza.*

*Mata-me ! á nobilissima princeza  
ousei amal-a, ao coração subindo,  
Como se erguesse a minha boca á illesa  
Ara do templo o beijo vil cuspindo.*

*Mas se a lisonja não desvaira ou cega,  
Mau que tu foste, cego que tu és,  
Cuja cegueira a propria luz renega...*

*Em mim não vive o coração talvez...  
Vae aos pés da Senhora, corre, chega,  
Has de encontrar-lh'o, moribundo, aos pés*

1888.

**Epilogo**

*Folha que pôde recompor um ramo  
Mas que não pôde construir um ninho,  
Feche este livro misero e mesquinho  
Que não soube dizer-te como te amo.*

1889.

**MUSEON**

n. 7

*A toda sala que tristeza empresta  
Essa panopia ! a espada antiga, a lança,  
O escudo lucido e brunido, a aresta  
Do arnez que a vista experiente cança.*

*As armas todas me despertam, esta,  
D'um cavalleiro a varonil lembrança,  
A quella, um moço, acaso imberbe creança  
Que o sol dos campos de batalha crestá.*

*Quanta promessa, em meio das conquistas,  
Cortara o gladio, o mesmo que depois  
Esplende a sala, e aqui deslumbra as vistas.*

*Pois esses brilhos rutilos de sôes  
São por ventura as derradeiras pistas  
Das luminosas almas dos heroes.*

**MUSEON**

n. 8

*Foi com esta maçan d'oir o polida  
Que as ambições movendo de Atalanta,  
Poude Hippomènes alcançal-a. E quanta  
Victoria a essa em tudo parecida !*

*Ao ideal aspira ! à estrella aspira ! à vida  
Aspira ó nada, ó turba agonisante,  
Ou cheres quando a terra alegre cante  
Ou cantes quando a lagrima verida*

*Desça-te á boca. E bastaria apenas  
Para galgar essas regiões serenas  
A maçan de Hippomènes, fribil, louro...*

*E chegáras ao ideal, á vida, o pomo  
Aureo atirando á propria est. ella, como  
Lá chega a luz — por uma escada de ouro.*

**Prologo de um manuscrito**

*Tu este livro abrindo  
Cuja primeira folha escrevo agora,  
Dirás talvez entre chorando e rindo :*

*— Quem, esses vultos que o poeta adora ?  
Esta Lucia quem é que não conheço,  
Que elle compara á santa luz da aurora ?*

*E as mais folhas voltando  
Do inicio ao fim, do fim para o começo :  
— Devo crer que de todas se lembrando  
À mim somente não ligasse apreço ?*

*Como te enganas ! que illusão funesta  
Conturba a mente, os olhos te escurece !  
Querias que minha alma te dissesse  
Que adora a ti e tudo o mais detesta ?!*

*Repousam na mesma arvore serenas  
As borboetas, mais os passarinhos...  
Pois as folhas, bem sabes, são apenas  
Verdes pretextos de sonóros ninhos.*

**MUSEON**

n. 9

*Lahis cujo semblante copiado  
Foi da espuma tyrrhena e a sangue tinto  
Dos roseiraes de Kypre, abrindo o cinto  
Que foi da vespa aos elytros tomado,*

*Deixa o manto cair e o labirinto  
De mil dobras da tunica. O nevado  
Corpo lhe escorre o sangue derramado  
Do rubro manto agora aos pés extinto.*

*E o seio tremulo surge, e o collo, e a alvura  
Do collo, o corpo todo e a claridade  
Do corpo todo, pallida, fulgura...*

*A purpura no chão mira a deidade  
Torce-se, enfuna-se e medindo a altura  
Salta de baixo e a face d'ella invade.*

**Chronica ás pressas**

XAVIER MARQUES. *Uma familia bahiana.*  
Bahia, editor Pedro Chaves, 1888, 8.<sup>o</sup> de  
226 paginas.

Agradecemos ao autor a remessa do exemplar. Mas á sua delicadeza não podemos corresponder com elogio algum.

Parece-nos que *Uma familia bahiana*, é um romance mal organizado, mal desenvolvido, mal concebido. O autor provavelmente quiz exercer-se no genero — *espantaburgueses*.

E' provável, pois, que o seu livro tenha encontrado aceitação por parte do vulgo, sempre avido de frioleiras e bambochatas.

Será esse o seu unico mérito, se o é.

No entanto, o estudo, a observação podem levar o Sr. Xavier Marques, mais tarde, a um lugar distinto entre os discípulos de Montepin e Ponson du Terrail.

A linguagem do seu livro é incorretíssima.

—

RUSTICAS, *poesias de Baptista Nunes. Vas-*

souras, typ. *Vassourense*, 1889, 8.<sup>o</sup> p<sup>eq</sup>. de 91-XIV pp. e fls. preliminares.

Um volumesinho de versos, regularmente impresso e prefaciado pelo illustre Dr. Lucindo Filho, juiz competente na materia.

O Sr. Baptista Nunes não é poeta de valor; mas escreve agradavelmente os seus versos, com inspiração e alguma espontaneidade.

Apresentou-se modestamente, como lhe convinha, e não terá de arrepender-se de ter feito vibrar a sua lyra agreste, contanto que não se tome de orgulho por lisonjas immerecidas.

As RUSTICAS não contém novidade de forma, nem de concepção. Não possuem originalidade. Mas revelam qualidades lyricas que podem ser encaminhadas a mais accurada expansão.

Agradecemos a remessa do exemplar com que nos obsequiou o autor.

Para dar uma idéa das *Rusticas*, e quero dar a peior, leiam-se os versos:

Aranha, cavallo, pato,  
Gambá, camello, perú,  
Moribondo, jaburú,  
Barata, cachorro, gato...

· · · · · · · · · · · ·

Isto tudo com morrinha  
Melhor se aguenta e se atura  
Que uma sogra como a minha.

Isto faz rir muita gente boa.

Aqui está um terceto que me fez rir descommodidamente. E' o epilogo de umas bodas:

Depois nós fumo deitá.  
—E depois? —Ora depois  
Peguemo junto a roncá.

—

O Centro bibliographico Vulgarisador edita o volume de versos do nosso collega João Ribeiro, nos ultimos dias do mez de Novembro. No numero proximo publicaremos aqui as ultimas poesias da colleccão.

## MUSICAS

A respeito de musicas boas poucas são as casas editoras que as tenham publicado como a da Travessa de S. Francisco de Paula 23-A.

Cada publicação musical que d'allí sae, corre todo o Rio de Janeiro, applaudida, pilada e machucada por todos os pianos, calhambeques e violas de armario desde Botafogo ao Sacco do Alferez, da Tijuca aos valles de Inhauma e panellarias adjacentes. Pois vejam a lista:

## VALSAS

*Gruta dos Amores*, Julius Alpinus, deliciosa.—*Sonhemos...*, Julio Reis, um verdadeiro sonho sem pesadellos. — *Namoradeira*, Julius Alpinus, uma das melhores do auctor. — *Telephone*, Salles Sobrinho, cousa boa no mundo. — *Sempre!* Ernesto Couto, é simplesmente provocante. — *Andaluzas*, Ernesto Couto, é a valsa da moda. — *Flora*, Alexandre G de Almeida, é um mimo, é o furor de todas as moças da cidade e arrabaldes. — *Irene*, Ernesto Couto, uma teteiasinha. — *Itala*, N. J. Martins, outra teteia. TANGOS Ha nada menos que os seguintes:

*Rua do Mattoso*, O. Tavares, um *tour de force*. — *O Pai João*, João B. Rodrigues, magnifico, e o phantastico *Oh! Cunha, tira o chapéo*, Julius Alpinus. POLKAS *Atrevidinha*, Ernesto Nazareth, poema que me reconcilia com os pianos.—*Azulão*, Germano de Moraes, bem feita esta polka. — *Voltamos de Matto Grosso*, Tristão dos Santos, uma polka delirante.—*Gentes! o imposto pegou!* Ernesto Nazareth, abençoado imposto que inspirou esta delicia.—*Bella*, Narciso J. Martins, é bastante agradavel. — *A Bella Melusina*, E. J. de Nazareth, é o vinho de todas as polkas.—*Atraz de um bonet*, polka graciosa.—*A anquinha de Vovó*, P. Zavataro, facil e bem mexida. — *Fecha! Fecha!* Ubaldo Leal, muito boa. — *Bendegó na ponta!!!* N. Y. Martins, idem, idem. — *Como isto doe!!!* A. G. de Almeida, simplesmente adoravel. — *A Fonte do Lambary*, E. Nazareth, é a chave de ouro de todas. — *L'Avenir*, Costa Junior, capricho inocente, melodioso e facilimo.

Parabens, ó leitoras, que tendes pianos para magua da humanidade da vizinhança.

Ide as *Agua de Lambary*, á travessa de S. Francisco de Paula, 23-A.

Dr. ALFREDO GOMES.—*Lisões de português*, Rio, 1889, 8.<sup>o</sup>

E' um resumo nocivo que vae intoxicar a meninada que estuda o português.

Livro com varios erros, com impropriedade de exemplos, e com a unica vantagem de ser o bastante mal feito para não tornar-se uma calamidade de consequencias.

Esta opinião é apenas um aviso aos interessados. Não recebemos exemplar das *lições de português*, lembrança que agradecemos ao auctor.

### Escolas sem livros

O caso não se passa nem na China, nem na Zululandia, como pode parecer, a primeira vista.

Semelhantes escolas existem mas aqui, n'este círculo litterario, ignorado pelo Sr. Dr. inspector geral d'instrução publica, e por uma razão muito simples: o cargo que o Sr. Horacio Andrade occupa é uma sinecura, um pagamento dos serviços, que S. S. prestou ao seu partido, escrevendo qualquer tolice no *Liberal*, nos tempos de oposição.

O filho do Sr. barão de Saramenha não foi nomeado inspector para cuidar dos interesses do ensino nem provêr de livros as escolas.

S. S. foi nomeado para ter um emprego que renda bons honorarios, e no qual não se faz mais do que isto: nomear delegados e inspectores municipaes aos fulanos, que bebem os ares pela situação dominante, e demittir aos cieranos, que são d'ella adversarios.

Dos meritos ou demeritos d'esses aquinhoados na vaidade, porque no bolço não o são, S. S. não cogita, e pelo nobre espirito de justiça: a S. S. jamais ninguem perguntou se S. S. entendia d'instrucción.

O resultado d'esse filhotismo é esta desgraça, que estamos vendo: as aulas publicas sem livros, e os miserios estudantes aprendendo noções de leitura, ou em jornais velhos, ou em cartas commerciaes.

Tal sistema pôde ser muito proveitoso, mas nos parece deficiente, por quanto até hoje toda a gente que vai a escola, inicia os seus conhecimentos litterarios em livros escriptos para esse objectivo, e que, a pouco e pouco, aperfeiçoam a intelligencia infantil, lapidando-a, esclarecendo-a.

Accresce que a provincia tem quantiosa verba destinada para esse ramo de administração, a cuja frente está um funcionario inapto, pois o facto de se ser bacharel em leis não induz sciencia pedagogica nem certeza de que o inspector *entenda do riscado*.

Como que se gasta a tal somma de dinheiro é o que não sabemos: as escolas de Pitangui andam carentes de tudo, e se não as socorressem a Camara, nem papel, nem penas, e nem tinta teriam os estudantes!

Acreditamos que o metodo educacionista, em Minas, faz inventar tais que admiram aos... cafres!

A mobilia das classes é o que ha de mais bento, archaico, incommodo, e anti-hygienico.

Ainda assim, os pobres professores levantam as mãos para os céus.

Pois que duvida! podia a inspectoria ordenar que os estudantes se assentassem... no soalho, ou, como os indigenas, se pusessem de cocoras!...

Commentando estas vergonheiras, não sabidas pelos magnates de Ouro Preto, não exageramos: descrevemos o que ahi está patente, visivel, e a clamar, em vão, as mais serias providencias, se a repartição da capital houvesse sido creada para attender a tais inconvenientes, e não fosse o que realmente é: um achego para advogados sem clientela.

Já não é a primeira vez que apontamos essas irregularidades, e ha bem pouco pedimos livros para a aula publica, que funciona no Papagaio.

Nunca, entretanto, fomos ouvidos, e muito menos agora...

Seja como for, não podemos comprehender o quid de tanta desidia, de tanto es-

quecimento, em serviço transcendente como é o da instrucción.

Manter escolas sem livros, como n'este districto, é luxo de mais para uma provincia que anda, financeiramente falando-se na dependura, com ser tambem uma sonegação dos intuiitos educationistas, que, no dizer do abalisado Smiles, desenvolvem a intelligencia, o caracter, e a disciplina.

Leccionar sem livros, ainda mesmo os do Sr. Macahubas, especie de belchores onde ha de tudo mas tudo velho e usado é, milagre que nem todo o professor pôde fazer.

E' preciso, para que o Sr. Horacio providencie, levar em linha de conta o pessimisimo systema de ensino, que se ministra á infancia mineira, havendo livros...

Imagine agora o Sr. inspector que *angú* não será essa instrucción dada em pedaços de jornaes, e em correspondencias puramente commerciaes !

Se, conforme a figura de Beaconsfield, a mocidade de uma nação é a guarda da posteridade, a d'esta zona ha de ser uma phalange muito ridicula : quasi analphabeta, e embotada como um camello !

O desprezo, com que estão sendo tratadas as escolas d'este circulo litterario, não é serio, nem digno.

Ao Sr. inspector geral assiste a obrigação de cuidar dos interesses da instrucción, já por ser isso adstricto ao cargo que S. S. exerce, já porque não é decente auferir pingue ordenado, sem trabalhar.

E se S. S. quer saber, ao certo, o que é instrucción, consulte a Laboulaye, leia o que diz esse operoso publicista e eminente pensador, reflecta no que elle ensina, e depois veja se não temos razão para censurarmos o relaxamento de S. S.

A persistir esse falseamento, ou melho<sup>r</sup> esse deboche em assumpto importante, como todos reconhecemos que o é a instrucción, então que assembléa provincial acabe de uma vez com essa inspectoria e essa secretaria, na capital, dois verdadeiros trambolhos que empacham o orçamento, offerecendo guarida aos filhotes e aos ineptos.

Custear escolas, por luxo, sem lhes dar livros, é uma irrisão, é uma patacoada, contra a qual protestam os paes de familia,

cujos filhos são enviados para as aulas afim de aprenderem a ler em livros que ensinem, que eduquem, que iucutam, no animo infantil, esse desejo vivo de saber, que nunca mais nos abandona, e que de nós faz eternos estudantes.

Para essa miseria de meios de ensino não duvidamos chamar a solicita attenção do Exm. Sr. Dr. presidente da província, e confiemos que S. Ex. diga ao Sr. inspector que cumpra com os seus deveres.

Livros para as nossas escolas ! eis o grito que damos.

*O Pitanguy (Minas).*

29 de Setembro de 1889

## Da educação

DA EDUCAÇÃO INTELLECTUAL

(Continuação)

Esta geometria empirica, que apresenta uma serie infinita de problemas, deve ser ensinada annos a seguir conjuntamente com outros estudos, que vantajosamente podem ser acompanhados até ao fim das applicações concretas que lhe serviram de preliminares. Depois que o cubo, o octaedro, as diversas fórmas da pyramide e do prisma são bem conhecidas, passa-se a corpos regulares mais complexos : o dodecaedro, o icosaedro, que requerem muita intelligencia para se poderem construir com bocados de cartão. D'aqui uma transição natural pôde conduzir a fórmas modificadas de corpos regulares, tais como as que os crystaes apresentam : o cubo truncado, o cubo d'angulos seccionados, e as modificações analogas do octaedro e do prisma. Isto proporcionará a occasião, enquanto se imitarem as fórmas diversas tomadas pelos saes e pelos mineraes, de levar o alumno ao conhecimento de alguns dos grandes factos de mineralogia (1).

(1) Os que desejarem um guia para applicação do sistema de ensino acima exposto, encontrarão-o-bão num pequeno livro intitulado : A GEOMETRIA D'INVENÇÃO (INVENTIONAL GEOMETRY), publicado por J. e C. Mozley, Paternoster Row, Londres. (Nota de Spencer)..

Pódem bem avaliar-se que a geometria racional não apresentará obstáculo algum ao alumno, logo que este esteja há muito affeito a exercícios d'este gênero. Acostumado a observar as relações de forma e quantidade, tendo algumas vezes entrevisto que certos resultados são necessários, dados certos elementos; não vê nas demonstrações de Euclides mais do que o suplemento que faltava aos seus problemas familiares. As suas faculdades bem disciplinadas apossam-se facilmente das proposições sucessivas do professor e apreciá-lhe por este meio o valor. Gosa também o prazer de ver que algumas vezes igualmente elle encontra o bom methodo. D'esta forma este estudo, arido para os que não estão preparados, é para elle agradável. Resta-nos acrescentar que se approxima o momento em que o espirito deve estar preparado para este exercicio, o melhor de todos para o desenvolvimento das nossas faculdades de reflexão: as demonstrações originaes. Alguns theoremas, como os que se seguem á Geometria dos Chambres, tornar-se-lhe-hão logo possíveis; e quando elle os demonstrar, não serão sómente as faculdades intellectuaes que desenvolverá espontaneamente por esta forma, mas sim as suas faculdades moraes.

Desenvolver mais estas indicações seria escrever um tractado minucioso de educação, o que não é nosso propósito. O esboço que apresentamos d'um plano de ensino para exercitar as preparações da creancinha, para dirigir as *lições das cousas* para ensinar o desenho e a geometria, não deve ser considerado como um exemplo do methodo fundado em principios geraes por nós expostos. Julgamos que, examinando, este esboço se encontrará conforme á regra que establece, que se deve proceder do simples para o composto, do indefinido para o definido, do concreto para o abstracto, do empirico para o racional, e julgamos que corresponde também ás demais condições presumidas, que são: 1º que a educação é em ponto pequeno uma reprodução da civilisação; 2º que deve ser o mais possível espontânea; 3º que deve acompanhá-la o prazer. A reunião de todas estas condições num só e unico methodo serve ao mesmo tempo para demonstrar que estas condições são verdadeiras e que o methodo é bom. Notae também que este methodo não é mais do que o producto lógico da tendência característica de todos os progressos

modernos em educação - quer dizer, é a adopção plena e completa do systema natural, cujos progressos não são mais do que a acepção parcial - e tal é que em primeiro logar se conforma com os principios enunciados e em seguida porque obedece as suggestões do espirito da creança. Ha portanto logar para crer que o modo de proceder, cujos exemplos temos fornecido, se approxima do verdadeiro.

Vamos ainda accrescentar algumas palavras para insistir também sobre os dois principios geraes, que são ao mesmo tempo os mais importantes e mais descuidados: em primeiro logar, que, durante toda a juventude, o processo de instrucción deve ser espontâneo (*self-instruction*), como o é na infancia e na idade madura; em segundo logar, que a actividade mental produzida deve sempre ser attrahente por si mesma. Se a progressão do simples para o composto, do indefinido para o definido; do concreto para o abstracto é um verdadeiro dado para a psychologia, a espontaneidade e o prazer do estudo, tornam-se pedras de toque, pelas quaes julgamos se a lei psychologica foi ou não seguida. Se a lei psychologica contém as generalizações, principaes da *sciencia* de educação, estes dois principios contêm as regras essenciais da *arte* de educação. Porque evidentemente os degraus do nosso curso de estudos estão de tal modo dispostos, que o alumno pôde seguir os com pequeno ou nenhum auxilio, pois que a sua disposição corresponde ás diferentes phases da sua evolução intellectual; e, manifestamente ainda, se a passagem de um grau para outro lhe é agradável, é porque não exige mais do que o exercicio normal das suas faculdades.

Mas fazer da educação um processo de evolução espontânea tem ainda uma outra e maior vantagem do que a de dispor o curso de estudos segundo um plano racional. Em primeiro logar assegura-se assim a força e a duração das impressões, cousa que os methodos ordinarios nunca fazem. Todo o conhecimento que o alumno adquiriu por si proprio, todo o problema que resolveu, torna-se por direito de conquista cousa sua, muito mais do que o podia ser por outra forma. A actividade prévia de espirito que o sucesso implica, a concentração do pensamento que a torna necessária, a excitação do triumpho, tudo corre para gravar os factos na memoria da

crença d'um modo mais profundo do que o podia fazer a leitura ou a audição. Mas se decahiu, a tenção d'essas faculdades fixa as suas recordações, logo que a solução lhe foi dada, melhor do que o podiam fazer explicações muitas vezes repetidas. Além disso notae que esta maneira de se instruir torna necessaria a organização continua dos conhecimentos adquiridos. E' proprio da natureza dos factos e das conclusões assim assimiladas o tornarem-se sucessivamente premissas d'outras consolidação do problema d'hontem auxilia o alumno a resolver o problema d'hoje. D'este modo o conhecimento novo transforma-se em faculdade logo que se adquire, e para o futuro concorre para a função geral do pensamento, em vez de ser apenas escripto nas paginas d'uma bibliotheca interna, como sucede quando se aprende de cór. Notae ainda de que auxilio é esta espontaneidade do trabalho para o nosso desenvolvimento moral. A coragem no ataque das dificuldades, a concentração paciente da atenção, a perseverança apesar dos revezes, são as disposições especiais que é necessário empregar na vida; e são precisamente as que desenvolve o systema, que consiste em proporcionar ao espirito o seu pão intellectual. Que seja perfeitamente practica esta maneira de instruir a juventude, eis o que podemos atestar sobre a nossa garantia pessoal, porque é assim que nos ensinaram a nós mesmos na juventude a resolver os problemas relativamente complexos da perspectiva. E que os grandes mestres têm propendido para esta direcção, é o que testemunham ao mesmo tempo Fellenberg, quando diz que «a actividade livre e individual do alumno é de muito maior importancia do que o cuidado officioso d'aquelles que se incumbem de o instruir»; Horacio Mann (1), quando exprime a opinião de que «desgraçadamente a educação entre nós consiste mais em *doutrinar* do que em *exercutar* as creanças»; e Marcel quando nota que «aquillo que o alumno descobre pelo trabalho do

seu pensamento é muito melhor sabido do que aquillo que apprendeu».

Outro tanto sucede no que diz respeito á outra condição exigida: isto é o methodo de educação escolhido produz no alumno uma agradável actividade, agradável não por causa das recompensas que deve proporcionar, mas é por si mesma salutar. Além de que a obediencia a esta regra nos preserva do inconveniente que ha sempre em contrariar o progresso normal da evolução natural tem ainda outras vantagens. Logo que nāc tenhamos tenção de regressar á moral ascetica ou, melhor á *immoralidade* ascetica) devemos considerar a conservação da felicidade da juventude como um objecto digno por si proprio das nossas preocupações. Sem nos determos nesta consideração todavia, notamos que um estado agradável do espirito é muito mais favoravel ao trabalho do que estado de indifferença ou de desgosto. Todo o mundo sabe que as cousas lidas, ouvidas, ou vistas com interesse se retêm muito melhor do que as cousas lidas, ouvidas ou vistas com aborrecimento. No primeiro caso as faculdades preocuparam-se activamente com o objecto que lhe apresentaram; no segundo caso só se ocuparam d'um modo pouco activo, e a atenção foi constantemente distraída por outros pensamentos mais agradaveis. Depende isto da impressão ter sido mais forte ou mais fraca. Além d'isso, á falta de atenção que produz no alumno a falta de interesse, vem addicionar-se o receio das consequencias desta in-attenção, receio que o paralysa e aumenta a dificuldade que experimenta em fixar o seu pensamento sobre assumtos que o aborrecem. E' portanto claro que a efficacia do ensino, dando-se egualdade de condições, será proporcionada ao prazer com que o alumno trabalhar.

E' preciso considerar tambem que graves consequencias moraes não estão ligadas ao prazer ou ao desgosto que acompanha as lições de todos os dias. Compare a figura e a maneira de ser de duas crianças, uma das quaes sentiu prazer com o estudo de assumtos que lhe interessam, e a outra se considera infeliz com o desgosto do trabalho, a severidade dos seus mestres, as ameaças, os castigos, e vereis que as disposições naturaes d'uma e d'outra se resentem bem ou mal d'este estudo de cousas. Quem observou os effeitos do sucesso ou do insucesso sobre o espirito, e a

(1) H. Mann, o mais celebre dos educadores americanos - nasceu em 1796 e morreu em 1859. Deve-se-lhe a reorganização do ensino primario no estado de Massachusetts onde desempenhou durante doze annos (1838-1850) as funções de secretario da direcção de educação. As suas obras completas, em inglez, foram publicadas em 1867, em dois volumes.

definido são as doutrinas e os methodos herdados do tempo passado, sugeridos por as nossas recordações da infancia, adoptados sob a fé das amas e dos creados, methodos inventados não pela sciencia, mas sim pela ignorancia dos tempos. João-Paulo (1), commentando este estado cahotico da opinião e da practica em materia de governo da familia escreveu : « Se as variações secretas de um grande numero de pae's pertencentes á media dos espiritos fossem postas em evidencia, organisadas em plano de estudos para servirem á educação moral dos filhos, constituiriam um todo no genero d'este : na primeira hora : « E' a moral pura que deve ser ensinada á creança, quer por mim, quer por aquelles que a dirijam na segunda hora : » A moral mixta ou a moral propriamente utilitaria : » « na terceira hora : » Não vêdes que vosso pae faz assim ? » na quarta hora : « Sois creança, e isso não convém senão ás pessoas crescidas : » na quinta hora : « O importante é que tireis partido do mundo e sejas alguma cousa no Estado : na sexta hora : « São as cousas eternas e não as temporaes que determinam o merito do homem : » na setima hora : « Supportae as injusticas com paciencia : » na oitava hora : « Mis defendei-vos valorosamente, se vos atacarem : » na nona hora : « Querido filho, não faças bulha : » á decima hora : « Uma creança não deve estar immovel como vos vejo : » á decima primeira hora : « E' preciso obedecer a vossos pae's : » á decima segunda hora : « E' fazerdes vós mesmos a vossa educação. » D'esta forma, o pae, a toda a hora, pela flutuação dos seus principios occulta o que estes tem de incompleto e insustentavel. Em quanto á sua esposa não pôde comparar-se nem a elle nem a esses arlequins que aparecem em scena com um masso de papeis debaixo de cada braço, respondendo aos que lhe pergantavam o que é que elle traz sob o braço direito : « Ordens. » E debaixo do braço esquerdo ? « Contra-ordens. » O unico termo de comparação que encontro para a mãe, seria um gigante Briareu, de cem braços, com um masso de papeis debaixo de cada braço ! »

Este estado de cousas não está prestes a mudar. Algumas gerações tem de passar

(1) João-Paulo Richter (1763-1825) celebre humorista alemão, conhecido vulgarmente por João-Paulo, escreveu entre outros, um tratado de educação intitulado LEVANA (1807), d'onde extrahimos a citação que segue.

para que se possa esperar que isto melhore. Assim como succede ás constituições politicas, os systemas de educação não se criam, desenvolvem-se ; e o desenvolvimento não é apreciável em curtos periodos de tempo. Por mais lentos, no entanto, que devam ser os melhoramentos, implicam estes o emprego de meios para os attingir : e a discussão é um d'esses meios.

Não pertencemos ao numero dos que creem, como Palmerston, « que todas as creanças nasceram bôndosas. » O dogma contrario, por mais insustentavel que seja, ainda nos parece em summa menos afastado da verdade. Também não acreditamos que se pôde, por uma educação habilmente dirigida, leval-as a ser completamente o que deveriam ser. Pelo contrario sabemos que, se podem diminuir-se, não se podem destruir as suas imperfeições naturaes. Poder-se-hia comparar a opinião de certas pessoas que um sistema perfeito de educação produziria uma humanidade ideal, á opinião do poeta Shelley (1), que, se a humanidade abolisse as suas antigas instituições e esquecesse os seus antigos prejuizos, todos os males que existem neste mundo desappareceriam de repente : nem uma nem outra opinião pode ser partilhada pelos que têm estudado sem paixão as cousas humanas

Apesar d'isto, as pessoas que alimentam estas audazes esperanças têm direito ás nossas sympathias. O entusiasmo, impelido mesmo até ao fanatismo, é um motor util e talvez até indispensável. E' claro que o politico ardente não supportaria as fadigas que atura, não faria os sacrificios que se impõe, se elle não acreditasse que a reforma pela qual combate é a unica causa necessaria. Sem a convicção, em que se está, de que a embriaguez é a origem de todos os males da sociedade, o teetotaller (2) seria muito menos zeloso na sua propaganda. Em philantropia, como n'outras materias, a divisão do trabalho produz uma grande vantagem ; e para que se desse a divisão do trabalho, foi preciso que cada

(1) Shelley (1792-1822) é um dos maiores poetas do seculo XIX (Taine), desenvolveu em muitas das suas obras, entre outras, no seu poema da REINE MAB, a generosa utopia a que Spencer allude.

(2) Na Inglaterra chamam familiarmente *teetotallers* aos partidarios da abstenção total das bebidas alcoolicas. Eis aqui, segundo a tradição, a origem d'essa designação bisarra. As primeiras sociedades de temperanca não prohibiam mais do que os licores fortes e permitiam o uso do

influencia do espirito sobre o corpo, sabe que na primeira d'estas creanças o caracter e a saude são favoravelmente affectadas, em quanto que na segunda pôde-se receiar que o caracter se não torne moroso, timido, e que a propria condicão physica não enfraqueça. Ainda resta assignalar um resultado indirecto do methodo empregado, o qual não é de pouca importancia. As relações entre alumnos e professores, em egualdade de circunstâncias, são affectionadas e efficazes, ou antipathicas e impotentes conforme o ensino ministrado proporciona prazer ou magua. O homem está á merce das associações de ideias. O iudivduo que todos os dias importuna ou faz soffrer não pôde deixar de ser visto com uma secreta aversão; e se não causa outras emoções mais do que penosas será inevitavelmente odiado. Pelo contrario o mestre que auxilia a creança a alcançar o objecto dos seus desejos, que lhe proporciona diariamente o prazer da victoria, que o anima nas difficultades, que sympathisa com elle nos triumphos, será necessariamente visto com prazer; e será até estimado, se a sua conducta estiver sempre em relação com os seus principios. Ora, quando reflectimos na efficacia benefica da tutela de um mestre, considerado pela creança como um amigo, comparada com a impotente direcção d'aquelle que a creança acolhe com um sentimento de aversão ou pelo menos de indifferença, podemos dizer que as vantagens indirectas d'uma educação em que se tem em conta a felicidade da juventude não são nada inferiores a essas vantagens directas. Aos que possesem em duvida a possibilidade de applicar o systema que aqui defendemos, responderiamos ainda que não sómente é indicado na theoria, mas tem até a recommendacão da experiençia. Aos juizos pronunciados por todos os mestres habeis, que desde o tempo de Pestalozzi, emitiram parecer sobre este ponto, accrescentamos o do professor Pillans (1), o qual diz: « Quando se ensinam as creanças como deve ser, não são estas menos felizes durante as horas d'aula, do que durante as horas de recreio; raras vezes o exercicio bem dirigido da actividade intellectual é acompanhado nelas de menos goso do que o exercicio da

sua actividade physica, e algumas vezes ainda produz melhores resultados. »

Para apresentar uma ultima razão em favor da educação espontanea e por consequencia agradavel, recordaremos que quanto mais se tornar assim, mais provavel é que o alumno não cesse de estudar, até quando deixe de ir a escola. Sempre que o ensino for penoso, tenderá então a interromper-o, logo que cesse a coercção dos pais e dos mestres. Quando o tornarem agradavel, tenderá a continuar sem guia a cultura espontanea começada com guias. Estes resultados são inevitaveis. D'esta forma, enquanto as leis de associação de ideas permanecerem verdadeiras; enquanto o homem sentir desgosto pelas cousas e logares que lhe recordarem factos penosos, agrado pelas cousas e logares que apresentarem ao seu espirito os prazeres passados, as lições acompanhadas de desgosto tornar-lhe-hão repulsiva a aquisição de conhecimentos, as lições agradaveis tornar-a-hão attrahente. Os homens que na sua juventude adquiriram a sciencia com a forma de deveres repugnantes, acompanhada de ameaças e castigos, e os homens que não adquiriram o habito de livre investigação, nunca gostaram provavelmente do estudo; enquanto que os homens que adquiriram a sciencia em condições naturaes, no tempo permittido, e que se recordam dos factos que esta lhes proporcionou, interessantes por si mesmos e como occasião de uma longa serie de sucessos cheios de encantos, estes homens, por este facto, continuarão, durante toda a vida, a instruirem-se por si proprios, como o fizeram na sua juventude.

## DA EDUCAÇÃO MORAL

**SUMMARIO :** — É necessário preparar a mocidade de ambos os sexos para os seus futuros deveres de pais e mães de família, fazendo-a adquirir o conhecimento dos melhores methodos de educação. Carecendo os pais d'este conhecimento, o governo da família fica entregue ao arbitrio e à ignorância. Citação de João-Paulo Richter. — Observações preliminares: a educação não tem o poder de tornar as creanças perfeitas; por outra, se pudesse existir um sistema de educação capaz de produzir este resultado, os pais são por si muito imperfeitos para o poderem applicar d'uma maneira completa e o estado actual da sociedade oppõe obstáculos á sua realização; mas não é menos útil formar um ideal devendo os methodos de educação aperfeiçoar-se á medida que o nível moral dos pais e da sociedade se eleva.

Exposição do methodo natural de educação moral

(1) Pillans, professor de latim na Universidade de Edimburg.

methodo que deixa proceder as reacções naturaes dos nossos actos. Estas consequencias naturaes dos nossos actos são o criterio segundo o qual nós definimos um acto bom ou mau : tem um caracter de necessidade, de constancia ; são proporcionaes ás transgressões. Ensinam á creancinha a evitar os accidentes physicos e encaminham o homem na vida ; serão tambem o meio mais efficaz para a educação moral da juventude.

Os castigos applicados pelos paes estão geralmente em contradicção com o principio d'este methodo : são penalidades artificiaes e não consequencias directas das transgressões — Exemplos do emprego, dos systema das reacções naturaes. Vantagens d'este sistema : faz adquirir a idéa de relação de causa para efecto relativamente ás acções e aos seus resultados ; está de acordo com a justiça ; evita aos paes o intervirem como autores do castigo e previnem a desafeição que pôde originar o systema habitual das correccões.

Que é todavia preciso fazer no caso d'uma falta grave ? Observações preliminares : relações que cumpre estabelecer entre pais e filhos, explicadas pelos exemplos : estas relações prevenirão muitas faltas graves. Conducta que devem os paes observar sempre que se deem faltas d'esta natureza.

Conselhos geraes aos paes : não esperar nem exigir muito das creanças ; usar o menos possivel dos meios de auctoridade e não multiplicar as ordens ; mas quando se der uma ordem, exigir que seja obedecida. — O fim d'educação é habituar a creança a governar-se por si mesma. — A educação é um encargo difficult, exige da maior parte dos paes uma constante applicação, para se tornarem dignos da sua missão.

Não vêem o defeito capital dos nossos programmas de educação. Em quanto aperfeiçoam muito os nossos minuciosos systemas, no fundo e na forma, o mais urgente *desideratum* não foi ainda reconhecido, nas proprias condições de *desideratum*. Preparar a juventude para os deveres da vida, tal é o objecto que os paes e mestres têm tacitamente em vista na educação, e facilmente o valor das cousas ensinadas, a excellencia dos methodos seguidos são agora julgados pela sua adaptação a este objecto. E' por isso que se julga conveniente substituir a educação puramente classica por uma educação em que entre o estudo das linguas modernas. Insiste-se sobre a necessidade de incluir nesta o estudo das sciencias por analogas razões. Mas embora se tome cuidado de preparar a juventude de ambos os sexos para a vida social e para a vida publica, por fórmula alguma a preparam para o desempenho de paes e mães de familia. Em quanto se está convencido de que, para saber ganhar a vida no mundo, é preciso ter passado por uma preparação laboriosa, parece crer-se que para educar as creanças preparação alguma é necessaria. Em quanto o mancebo gasta annos em adquirir este genero de conhecimentos, cujo principal merito se reduz a completar «a educação de um homem do mundo» e a donzella esses talentos

de recreio que farão d'ella o adorno das soirées, não dedicam uma hora ao estudo que podia collocar-as no estado de preencher o dever mais grave de todos : o governo da familia. Por ventura o desempenho d'este dever não se apresentará senão eventualmente na vida ? Pelo contrario, é certo que, de nove vezes sobre dez, pesará sobre elles. E' porventura facil de desempenhar ? Pelo contrario ; de todas as funcções do homem a mais difficult é esta. Pôde acaso esperar-se que todo o mancebo ou donzella adquirirá por si mesmo, por sua propria iniciativa, os conhecimentos necessarios para o desempenho dos seus futuros deveres de paes ? Por fórmula alguma ; porque em primeiro lugar não se reconhece a necessidade de adquirir esses conhecimentos, e além d'isso a complexidade do assumpto é tal que a arte de educar as creanças é aquella em que ha menos probabilidades do proprio individuo a poder conseguir. Não se pôde invocar motivo algum razoável para deixar a arte de educação fóra dos nossos cursos de estudos. Quer nos colloquemos no ponto de vista da felicidade dos proprios paes ou da existencia das creancas e da sua posteridade, devemos admittir que o conhecimento dos melhores methodos de educação physica, intellectual e moral, se deve adquirir por ser de alta importancia. Este assumpto devia servir de corôa aos estudos de ambos os sexos. Assim como no physico a virilidade é caracterizada pelo poder de procreação, a virilidade intellectual é caracterizada pelo poder de educar os filhos. *O assumpto que absorve em si todos os mais assumptos e que deve por consequencia formar o ponto culminante da educação, é a theoria e a practica da educação.*

Sem esta preparação o governo das creanças e particularmente o seu governo moral é lamentavelmente mau. Ou os paes não pensam em tal ou as suas conclusões sobre esta materia são illogicas e erroneas. Na maior parte dos casos, e sobre tudo da parte das mães, a maneira de tratar as creanças, em qualquer occasião que se apresente, é a do impulso do momento. Por fórmula alguma emana d'uma convicção reflectida sobre o que convém ao bem da creança, mas simplesmente do sentimento, bom ou mau, que os paes experimentam ; e varia de hora em hora com esses mesmos sentimentos. E se ás inspirações do capricho se junta alguma doutrina, algum methodo

philanthropo se absorvesse mais ou menos na sua função particular e tivesse uma fé exagerada na sua obra. D'aqui provém que podemos dizer, a respeito dos que consideram a educação intellectual moral como uma panacea, que a exageração da sua expectativa não é destituida de vantagem ; e é talvez uma parte da ordem benefica das cousas, que a sua confiança não possa ser abalada.

Mas, quando assim fosse verdade, que, por qualquer sistema de educação moral ainda não criado se podessem aperfeiçoar as creanças sob um modelo appetecido, e quando se podesse até levar todos os paes a adoptarem este sistema, estariamos ainda longe de alcançar o objecto em vista. Esquece-se que a applicação de semelhante sistema suppõe da parte dos aduitos um gráu de intelligencia, de bondade, de imperio sobre si proprio que ninguem possue. O erro dos que discutem as questões de educação domestica consiste em atribuir todos os defeitos, em imputar todas as dificuldades ás creanças e nenhumas aos paes. Em tudo que diz respeito ao governo da familia, como no que diz respeito ao governo da nação, suppõe-se sempre que as virtudes estão do lado dos governantes e os vicios do lado dos governados. A julgar pelas theories de educação, parece que homens e mulheres se transformam, logo que as consideramos como paes ou mães. Todos os dias observamos que as pessoas com quem sustentamos relações commerciaes ou que encontramos no mundo, são seres imperfeitos. Nos escandalos diarios, na rixas entre antigos amigos, nas fallencias, nos processos, nos relatorios da policia, frequentemente encontramos a prova do egoismo, da falta de probidade, da brutalidade geral ; e, todavia, quando se critica a má conducta das creanças, parece estar comprovado que aquelles que as educam não differem dos especuladores que referimos, não tem responsabilidade alguma pelo modo como procedem para com os seus filhos e filhas. Tão longe

está isto da verdade, que pela nossa parte não hesitamos em imputar aos paes a maior parte das desordens domesticas que ordinariamente se attribuem á pervercidade dos filhos. Não dizemos que tal succeda entre as pessoas bondosas e conscientes de si, nos numeros das quaes esperamos poder collocar a maioria dos nossos leitores ; mas afirmamos que o facto é verdadeiro na sua generalidade. Que especie de cultura moral pôde dar a mãe, que tem o habito de sacudir rudemente o filho quando este não quer mamar, como temos pessoalmente presenciado ? Que sentimento de justica poderá inculcar o pae, que, avisado pelos gritos do filho com o dedo entalado n'uma porta, começa por bater-lhe em vez de o socorrer ? O facto foi-nos referido por uma testemunha ocular. Outro exemplo ainda mais frisante e garantido tambem por uma testemunha directa : uma creança é conduzida a casa com uma perna quebrada e ali recebem n'a batendo-lhe ! Que esperança de educação moral pôde conceber-se para essa creança ? E verdade que são estes casos extremos, factos que denotam no ser humano a presençā d'esse instincto cego que leva o bruto a destruir os filhos quando estão doentes ou feridos. Mas por mais extremos que sejam, offerecem typos de sentimentos e procedimentos que todos os dias se observam em muitas familias. Quem é que não viu uma creança ser muitas vezes açoutada por uma ama ou por seus paes, por causa da sua rabugice, rabugice originada provavelmente pela falta de saude ? Quem ha que não ouvisse uma mãe ao levantar bruscamente uma pobre creancinha que cahiu no chão, chamar-lhe estupida, com una irrascibilidade que para todo o futuro presagia uma serie infinita de asperas censuras ? E o tom duro com que um pae ordena ao filho que esteja tranquillo,, não denuncia acaso quanto aquelle está longe de compartir a sua maneira de sentir ? Porventura as contrariedades perpetuas e inuteis que fazem soffrer ás creanças : por exemplo, a de se assentar, quando, n'uma creaturinha tão activa, a immobildade deve produzir uma grande irritação nervosa ; a proibição de olhar pelos postigos no caminho de ferro, quando é isto

HERBERT SPENCER.

(Continua)

vinho e da cerveja. A medida pareceu insufficiente e propuseram logo involver no voto de abstinencia todas as bebedas que embriagassem. N'um meeting em que esta questão foi discutida, um orador gago, que falava a favor da abstinencia total, exclamou · I AM-AT-TOTAL-ABSTAINER. Os gracejos que esta pronuncia feito-nos despertou, crearam logo as palavras *teetotalism* e *teetotalter*, destinadas a parodiar a gaguez do apostolo da temperanca absoluta. Estas palavras abriram rumo e ficaram na lingua.

## Bibliographia Brazileira

ANNO II — 15 DE OUTUBRO DE 1889 — BOLETIM XVIII

**AVISO.** — Pedimos aos Srs. editores do Brazil que nos enviem um exemplar de suas publicações (livros, musicas, mappas, photographias, litographies, etc.), com indicação do preço da venda. Esta indicação é importante para completar a notícia das publicações.

## Catalogo alphabeticó das publicações brazileiras

## LIVROS

- 233 — ALMANAK do ministerio da guerra para o anno de 1889, organizado na repartição do Sr. ajudante-general.  
 234 — AUGUSTO SÁ — Cacos de garrafas, versos humoristicos de Augusto Sá  
 235 — BOUCEHRVILLE Verbos fortes da lingua ingleza e dos idiotismos verbaes.  
 236 — DIAS DE MAGALHÃES. Ensaios poeticos do Sr. Antonio J. Dias de Magalhães, na typographia de Lombaerts & C<sup>a</sup>. rua dos Ourives n. 7.  
 237 — FERREIRA DA SILVA. Estatistica patologica da capital da provincia do Rio de Janeiro, trabalho do Sr. Dr. Ferreira da Silva.  
 238 — RECAPITULAÇÃO dos regulamentos e instruccões pelas quaes se rege o ministério geral de economia dos servidores do Estado.  
 239 — RELATORIO da Associação dos Empregados no commercio do Rio de Janeiro apresentado á assembléa geral em 14 de Julho de 1889.  
 240 — RELATORIO apresentado á associação parochial de instrucción de beneficencia, pelo director do Lyceu de Artes e Oficio da freguezia do Espírito Santo.  
 241 — RELATORIO do Sr. Dr. chefe de polícia da província do Rio de Janeiro.  
 241 — SILVA JARDIM. Circular ao eleitorado do 8º distrito da província de Minas Geraes, pelo Dr. Silva Jardim. Imprssso na typographia da *Gazeta de Notícias*.  
 242 — ZALUAR Lições de cousas animadas e inanimadas por E. A. Zaluar, 2.ª edição ilustrada, 1 vol em 16 1\$000

## Noticiario

Acha-se no prélo e sahirá brevemente á luz um livro de poesias de João Ribeiro,

## LIVROS

- A' VENDA NO CENTRO BIBLIOGRAPHICO  
**41 Rua Gonçalves Dias n1**  
*Severiano da Fonseca* — Viagem ao redor do Brasil, 2 vols. encs. com gravuras 8\$000  
*Balthasar da Silva Lisboa* — Annaes do Rio de Janeiro, 7 vols. encs (raro) 50\$000  
*Revista do Instituto Historico e Geographico do Brazil*, 68 volumes encadernados (1839-1887) 120\$000  
*James Fletcher* — Brasil and the Brasilians, 1 vol. enc. com gravuras 4\$000  
*Fernandes Pinheiro* — Curso de litteratura nacional, 1 vol. enc. 3\$000  
*Ferdinand Denis* — Le Bresil, 1 vol. enc com gravuras (raro) 5\$000  
 — O Brasil (traducção em portuguez), enc. com gravuras (raro) 10\$000  
*Southey* — Historia do Brasil, 6 volumes encadernados 15\$000  
*Figueira* — Chronica da rebellião Praieira em 1848-1849, 1 vol. enc. (raro) 4\$000  
*Raiol* — Motins políticos na província do Pará, desde o anno de 1821 a 1835, 4 volumes encs 14\$000  
*Mello Moraes* — Chronica geral do Brasil, 2 grossos vols. encs. 14\$000  
 — Coregraphia historica do Imperio do Brasil, 5 vols. encs (raro) 35\$000  
*Constancio* — Historia do Brasil, 2 vols. encs. com um mappa 5\$000  
*Visconde Vieira da Silva* — Historia da independencia do Maranhão, 1 volume encadernado 4\$000  
*Candido Mendes* — Memorias do Maranhão, 2 vols. encs. 7\$000  
*Visconde de S. Leopoldo* — Annaes da província do Rio Grande do Sul, 1 volume enc. (raro) 6\$000  
*Caetano da Silva* — L'Oyapoc et l'Amazone, 2 vols. enc. (raro) 8\$000

A' VENDA NA  
LIVRARIA CLASSICA

DE

**ALVES & COMP.**

46 e 48 Rua Gonçalves Dias 46 e 48

**Lingua Alemã**

*Novo metodo pratico e facil*, para aprender a lingua alemã com muita rapidez e facilidade segundo os principios do Dr. F. Ahn, por Hugo A. Gruber. Quinta edição correcta e melhorada, 1 vol. cart. 1\$500

*Grammatica alemã*, por E. Otto, adoptada ao programma de exames e premiada com um diploma de 2<sup>a</sup> classe na exposição de objectos escolares em 1888, por A. Neumann, 1 vol. 4\$000

*Conversação nas linguas portugueza, inglesa, franceza e alemã*, por Freese, 1 volume 1\$000

**Lingua Latina**

*Arte versificatoria da lingua latina*, por Joaquim José de Mendonça Silveira, 1 volume 1\$000

Este livrinho é o unico compendio que temos para ensinar as principaes regras para a composição e medição dos versos latinos.

*Grammatica da lingua latina*, (primeiro livro de latinidade) exercicios e vocabularios, baseado no metodo de constante imitação e repetição por John M. Clintoock, A. M., professor de linguas, e George R. Crooks, A. M., professor adjuncto de linguas no collegio Dickinson, traduzido da 8.<sup>a</sup> edição para uso dos alumnos do imperial collegio D. Pedro II, pelo Dr. Lucindo Pereira dos Passos, professor de latim no mesmo collegio; quarta edição brazileira, 1 vol. 5\$000

*Explicação da Syntaxe Latina*, dividida em duas partes, na primeira se trata do que pertence á syntaxe geral e uso particular de varios substantivos, adjetivos e verbos e outras mais partes da oração composta pelo padre Antonio Rodrigues Dantas, professor regio de grammatica latina na cidade de Lisboa, 1 vol. 1\$500

*Tacito*, Vita Agricola, br. \$300

*Cicero*: de Senectute, e de Amicitia, 1 vol. br. \$300

*Prefixos e suffixos* da lingua latina e de sua synonimia, pelo Dr. Antonio José de Souza, 2 tomos em 1 vol. enc. 2\$000

**LIVROS**

A' VENDA NO CENTRO BIBLIOGRAPHICO

**41 Rua Gonçalves Dias 41**

*Martin de Moussy — Description geographique et statistique de la confédération Argentine*, 4 vols. encs. sendo um de atlas in folio 15\$000

*Andres Lamas — Colección de obras documentos y noticias ineditas o poco conocidas para servir a la historia física-politica y literaria del Rio de la Plata*, 5 vols. encs. 10\$000

*Santiago Arcos — La Plata, étude historique*, 1 vol. enc. 2\$500

*Vicente Quesada — Vireñato del Rio de la Plata (1776-1810), apuntamientos critico-historicos*, 1 vol. enc. 3\$000

*José María Reyes — Descripción geográfica del territorio de la República del Uruguay, acompañada de observaciones geológicas*, 1 vol. enc. 3\$000

*Émile Carrey — Le Pérou, tableau descriptif, historique et analytique*, 1 volume enc. 2\$500

*Francisco Bauzá — Historia de la dominación Española en el Uruguay*, 2 volumes encs. 4\$000

*Noticias históricas, políticas y estadísticas del Rio de la Plata*, con un apendice sobre la usurpación de Montevideo por los gobiernos Portugues y Brasileros, 1 vol. enc (raro) 3\$000

*Alfred de Brossard — Consideration sur les Républiques de la Plata*, 1 vol. enc. 1\$500

*Joaquin Acosta — Compendio histórico del descubrimiento y colonización de la Nueva Granada* 2\$000

*Andres Lamas — Apuntes históricos sobre las agresiones del Dictador Rosas contra la independencia de la república del Uruguay*, 1 vol. enc. 3\$000

*Lobo y Riudavets — Navegación del Rio de la Plata, ilustrada con una carta y vistas de costa*, 1 vol. enc. 3\$000

*Woodbine Parish — Buenos Ayres y las provincias del Rio de la Plata*, 1 volume encadernado 2\$500

*R. M. Baralt — Historia de Venezuela*, 1 volume enc. 2\$500

*Lavelleye — Apuntes sobre la importancia económica y financeira de la República Argentina*, 1 vol. 1\$500

Illi. Sr.

O abaixo assignado, por si e como representante da familia do finado professor Coruja, tem a honra de comunicar a V. S. que acha-se exclusivamente encarregada da venda das obras d'aquelle professor, a casa dos Srs. Alves e C<sup>a</sup>., a quem V. S. se dignará, d'esta data em diante, dirigir os pedidos que directamente fazia ao autor, e espera de V. S. a continuaçāo do apreço que sempre dispensou ás referidas obras.

Outrosim o abaixo assignado aproveita a oportunidade para agradecer o empenho que V. S. se tem dignado ligar á propagacāo das obras utilissimas do professor Coruja.

Rio, 4 de Outubro de 1889.

EMILIO DE MENEZES.

### Livros do Professor Coruja.

<i>Arithmetica</i> para meninos, 1 vol.	\$390
<i>Grammatica</i> da lingua nacional, 1 volume cart.	1\$000
<i>Grammatica</i> latina, 1 vol. cart.	1\$000
<i>Manual</i> do estudante de latim, 1 vol. cart.	1\$000
<i>Lições</i> da historia do Brazil	2\$00
<i>Compendio</i> da orthographia da lingua nacio- nal, 1 vol. cart.	2\$000